



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

O CONSUMIR QUE CON(SOME): AS TOXICOMANIAS COMO PRODUTO DO DISCURSO CAPITALISTA¹**THE CONSUMPTION THAT SAPS: THE ADDICTION AS A PRODUCT OF CAPITALIST SPEECH****Carline Engel Krein²****RESUMO**

O uso de substâncias é considerado fruto da contemporaneidade, bem como as toxicomanias, de fato, no entanto, este uso está caracterizado por se tratar de uma prática milenar. Nesse sentido, este trabalho visa possibilitar articulações para compreender as toxicomanias como resultantes do discurso capitalista. As marcas produzidas por esse molde discursivo na contemporaneidade estão para além do ato de consumir em si, mas na formação do laço social que possibilitam as relações entre sujeitos, as quais nesse discurso se apresentam comprometidas. Entende-se que as toxicomanias podem estar de acordo com a lógica capitalista de consumo, apresentando-se como produto desse discurso, no entanto, também enquanto sintoma social, o que possibilita o sujeito realizar costuras que mantêm o laço social por meio do sintoma. Desse modo, faz-se necessário a leitura dos efeitos deste, inclusive nos dispositivos de tratamento utilizados para que desta maneira possa-se realizar uma reflexão acerca dos estigmas carregados pelos sujeitos toxicômanos. Todavia, para abrir horizontes que possibilitem a compreensão do tema demanda-se a desconstrução de dispositivos impostos pelo discurso, que tem por característica uma moralização do assunto, o que, pode criar impossibilidades na compreensão do tema.

Palavras-chave: Toxicomania. Discurso capitalista. Sintoma social. Psicanálise. Gozo.

ABSTRACT

The use of substances is considered a result from the contemporaneity, so as the addiction, in fact, it cannot be said that these are not products from this time, however, the use is known to be a millenary practice. That way, this paper aim to enable linkages to comprehend addiction as a result of current speech, which is the capitalist. The imprints produced by this speech currently are apart from the act of consumption itself, but in the constitution of social ties that enable relationships between subjects, whom on this speech have been committed, due to capitalist speech, which does not make social tie minimizing it in a direct relation between subject and real consumption object, therefore subject is summarized to object. It has been understood that addiction can be in accordance with the capitalist consumption logic, being presented as a product of this speech, however, also as a social symptom, what gives the subject possibilities to find a way to maintain social tie through the symptom. Therefore, it is necessary to perform readings about its effects, including in treatment devices that have been used, so it can be made a reflection regarding the stigma carried by subjects who are addicted to toxics.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Psicologia-Bacharelado, da UNIJUÍ

² Bacharel em Psicologia pela UNIJUÍ.



Yet, it is demanded deconstruction of imposed devices to open horizons that allow the topic understanding, because of the moralization of this issue, which can create impossibilities comprehending this subject.

Keywords: Addiction. Capitalist speech. Social symptoms. Psychoanalysis. Pleasure.

INTRODUÇÃO

As toxicomanias configuram-se como um sintoma social produzido a partir do discurso capitalista e de que forma as mesmas podem apresentar-se nessa discursiva. O interesse pelo tema surgiu a partir de uma experiência de estágio supervisionado em Psicologia e Processos Sociais, no qual pode-se levantar questionamentos sobre as toxicomanias enquanto sintoma social contemporâneo.

O objetivo geral deste trabalho é reunir conteúdo teórico suficiente que permita trazer reflexões acerca das toxicomanias enquanto produto desse discurso. Para tal objetivo, o trabalho perpassa por um percurso histórico-conceitual sobre as toxicomanias e a constituição do laço social. Faz-se importante abordar também um percorrido histórico-conceitual do uso de drogas no mundo, desse modo pode-se pensar em uma diferenciação entre as toxicomanias e uso de drogas. Por fim, sugerir as toxicomanias como produto do discurso capitalista.

Tem-se como hipótese inicial que o sintoma das toxicomanias tem seu surgimento no discurso capitalista, sendo um sintoma social desse discurso. Nesse sentido, o gozo promovido pelas toxicomanias pode ser relacionado com o gozo da lógica do consumo.

O presente estudo caracteriza-se como bibliográfico. Ainda que o desejo pela temática tenha se apresentado por meio de uma experiência prática de estágio, esta, é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituída principalmente de livros e artigos científicos de alguns autores citados, entre outros, sendo de natureza qualitativa. É importante salientar que o embasamento teórico utilizado se dá pela via da Psicanálise.

1 DO MITO AO LAÇO

A sociedade, em sua estrutura, é proveniente de processos psíquicos coletivos que impactam e compõem a formação do laço social. Nessa perspectiva, Freud (1996 [1913-1914]) afirma que o totemismo é base da organização social. O mesmo caracteriza o totemismo como uma forma de veneração aos ancestrais, onde há um representante da horda que desfruta de prazeres que eram proibidos aos outros membros do clã, sendo este o pai.



Desse modo, os povos primitivos estavam sujeitos a várias proibições, e aquele que estava acima poderia gozar de tudo, inclusive daquilo que estava proibido pelos tabus. Os tabus brotam onde os desejos humanos têm origem, tornando-se a raiz dos preceitos morais e das leis que organizavam a sociedade primitiva da época (FREUD, 1996 [1913-1914]).

Os desejos tidos como proibidos conquistaram o seu lugar no inconsciente. Do ato criminoso de matar o pai, cria-se o ponto de partida das organizações sociais. Ao passo que se tornam livres para desejar o que quiserem, surge o mecanismo da culpa, o pai morto tornou-se mais forte do que o pai vivo, o seu lugar jamais seria ocupado, desse modo, apresenta-se a lei simbólica que funda a ordem social. O pai deve ser reinventado (KEHL, 2002).

O conflito provindo do crime perante ao pai tem um preço. O preço está justamente em organizar-se em torno do ato simbólico que permite a entrada dos sujeitos no mundo, portanto não se trata de um conflito necessariamente ou somente intrapsíquico, e sim de um conflito também no enlaçamento social (KEHL, 2002). Pode-se dizer que o processo de constituição psíquica ocorre de forma intrapsíquica, e também de ordem social.

No processo de constituição psíquica há um período de fusionamento com a função materna, no qual esta função tomará o sujeito enquanto objeto de seu desejo, impossibilitando-o num primeiro momento uma posição desejante, essa posição, apesar de confortável implica uma separação para que o sujeito possa tomar a dimensão desejante de si, possibilitando a construção do eu (LACAN, 1985 [1954-1955]).

A relação com a função materna e paterna deixa marcas para toda a constituição do psiquismo, colocando o sujeito em uma nova condição, força-o a escolher, a desejar e não mais pertencer e estar assujeitado a um Outro. Eis que o mito do pai da horda dá lugar a um conflito que toma uma dimensão psíquica. A esse conflito Freud (1996 [1901-1905]) denominou o Complexo de Édipo.

Para Lacan (1992 [1969-1970]) a entrada em uma posição subjetiva é dada pela linguagem, que possibilita uma cadeia significativa, na qual um significante representa o sujeito para o outro significante. Dessa forma posicionando-se no discurso de sujeito do desejo.

Conviver na civilização requer estar submetido historicamente a exigências morais, também contando com recusas pulsionais que são capazes de manter o ato civilizatório. As pulsões mais selvagens do psiquismo do sujeito são submetidas à repressão para que desse modo se possibilite a permanência civilizada na sociedade (FREUD, 1996 [1927-1931]).



Por isso, o mal-estar é constante e faz com que o sujeito busque recursos para lidar com este, entretanto, é na impossibilidade que se faz o laço social. Os laços sociais podem ser caracterizados pela forma com que o sujeito se relaciona com o outro, cumpre a função de estabelecer a relação entre sujeitos por meios dos discursos, portanto “é mediante a estrutura da linguagem que se torna possível estabelecer os laços sociais que permitem edificar a civilização” (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 584).

A linguagem está para além da comunicação, é ela a criadora de condições propícias para o inconsciente. Sendo assim, os laços sociais por meio dos discursos resumem lugares que são ocupados pelos sujeitos que criam condições para que a relação ocorra (QUINET, 2012). O vínculo social formado nesses lugares é composto por um agente e um outro, o agente é dominante e o outro é dominado (LACAN, 1992 [1969-1970]), a predeterminação desses lugares é passada de geração em geração fazendo parte do âmbito social que o sujeito vive e existe.

Lacan (1992 [1969-1970]) propõe que a linguagem implica uma perda estrutural, realizando-se um jogo entre aquilo que é nomeado e o que é definitivamente representado, de fato. Algo, sempre se perde. É por meio desta perda que o sujeito tem a possibilidade de vir a ser. Nessa lógica, há uma espécie de canalização ou enquadramento do gozo, e isto pode ser dado pelos laços sociais. Seria então possível considerar que é a partir da perda de liberdade que o sujeito do desejo se liberta? A perda funda um lugar necessário desde os primórdios da sociedade. Percebe-se a importância da renúncia pulsional para que o laço social seja estabelecido, não utilizando o outro enquanto objeto de gozo próprio.

2 O DISCURSO CAPITALISTA E A LÓGICA DO CONSUMO

Os discursos são formas de fazer laço social, cada qual caracterizando-se pela posição que o sujeito ocupa na linguagem, este, sempre diz da impossibilidade (LACAN, 1992 [1969-1970]). Há laço social, porque há discurso. A linguagem que traz ao sujeito a sua divisão, acaba por dar-lhe um lugar, o lugar que provém da falta-a-ser, mas que possibilita a relação com outros sujeitos.

Segundo Lacan (1992 [1969-1970]) existem quatro modos de estruturação do laço social, que ele denomina “discurso”: Discurso do Mestre, Discurso da Histérica, Discurso Universitário e o Discurso do Analista. Há uma estrutura fixa dos lugares e operadores que



sustentam o discurso . Sendo assim importante ressaltar que cada lugar cumpre a sua função, sejam eles fixos ou móveis, são o que trazem a possibilidade do enlaçamento. Desse modo, pode-se dizer que o discurso se sustenta a partir destes quatro lugares privilegiados, visto que um deles fica sem ser nomeado, porque fornece ao discurso o seu título.

O que se apresenta no lugar do agente é justamente o elemento que agirá sobre o outro direcionando-se à produção que diz do efeito do discurso. Desse modo, esse significante único, o significante mestre como dito, se articula com algo que já está dado e que ele ordena. Nesse sentido, cabe ressaltar que o autor apresenta a ideia de que toda determinação do sujeito, se dá por meio do discurso, logo esses tornam-se importantes para a compreensão do posicionamento e da lógica discursiva social contemporânea, contextualizando a prática do consumo e fornecendo suporte teórico ao campo das toxicomanias, pois há um discurso que está ao encontro dessa lógica do consumo desenfreado. (LACAN, 1992 [1969-1970]).

Ainda de acordo com Lacan pode haver uma quinta possibilidade discursiva, frisando que os discursos são apenas quatro, contudo, o autor apresenta a modificação do discurso do mestre por meio de uma torção dos elementos móveis, contendo também elementos dos outros três discursos que permitiriam um novo posicionamento, a este ele denominou discurso capitalista ou discurso do mestre moderno.

Dentro desses moldes percebe-se uma modificação do posicionamento discursivo, na qual a promessa de completude é sedutora e sensacionalista, mesmo que ilusória, é a isso que se apega o discurso do capitalista, que o sujeito esburacado torna-se preenchido. Apresenta-se uma crise não do discurso do mestre, mas a crise do capitalista (LACAN, 1972). Um discurso insustentável justamente por sua velocidade, anda perfeitamente bem e sem falhas, e está aí a questão, pois tem por características se rápido demais se consome, e “[...] se consome tão bem que se consuma”. (LACAN, 1972, p. 18).

O sujeito que se apresenta com Freud, dividido e em falta, agora quase que inteiro, não se questiona. É nessa lógica de relação discursiva que se apresenta este discurso, criando populações de consumidores ávidos de um gozo perfeito. (MELMAN, 2003).

Corroborando com essa ideia, Lacan (1972) afirma que o que faz o discurso capitalista funcionar nessa lógica é a mais-valia, é o mais-de-gozar. Portanto, esse mais-de-gozar se inscreve como valor que será registrado ou deduzido da totalidade daquilo que se acumula (LACAN, 1992 [1969-1970]).



O lugar da verdade também é outro no discurso capitalista, está nos produtos, ou seja, mesmo que encoberta, a verdade não se encontra no sujeito, mas sim no que é produzido (LACAN, 1992 [1969-1970]). Desse modo, pode-se compreender que a partir do discurso capitalista surge uma lógica do consumo que permeia as relações sociais e que produz efeitos no laço social e também na forma com que cada sujeito se relaciona com o Outro.

Afinal, busca-se uma satisfação imediata e um gozo pleno. A busca do gozo, faz com que o sujeito adquira novos produtos, porém após a aquisição, este volte a lidar com a sua incompletude e utilizando-se de um movimento repetitivo, volte a comprar, colocando em funcionamento, o mais-de-gozar (DIAS, 2010). Segundo Lacan (2003) a não totalidade é justamente o que permite a falta que permite o desejo, para ter desejo há de haver falta.

Ao contrário do que alguns autores apontam, Dias (2010) aborda não uma falência da função paterna, e sim uma elevação de um pai supremo, o capitalismo. Vê-se aí, uma mudança na imago paterna, uma alienação nessa relação com os objetos da sociedade capitalista fazendo com que ocorra uma modificação no laço social, a proibição da sociedade do consumo, é não gozar (DIAS, 2010).

Nesse sentido, a forma que o capitalista encontra para sustentar a manutenção de sua lógica, é ofertar o consumo enquanto consolação frente ao impossível da completude (DIAS, 2010). Portanto, pode haver uma dificuldade na sociedade contemporânea de compreender, o porquê relacionar-se com o Outro e com o outro semelhante adquirindo produtos e relacionando-se com eles, toma-se uma via de satisfação plena, na perspectiva social.

Esse posicionamento do discurso tende a reforçar o individualismo, visto que a relação com o Outro está em uma dimensão objetual, faz-se com que o gozo se resuma ao consumo de objetos possíveis de aquisição, que apesar de serem concretos e reais podem cumprir uma função no laço social e no psiquismo, que seja de tamponar a falta ou lidar com angústias através de sintomáticas, como é o caso das toxicomanias.

3 TOXICOMANIAS: UMA HISTÓRIA SEM NARRATIVA

Contextualizar a história do uso de drogas ao longo dos anos torna-se importante para refletir sobre os fenômenos das toxicomanias. Será que alguma vez existiu um mundo livre de drogas? Segundo relatos trazidos na produção do documentário *Quebrando tabu* acerca da história do uso de drogas, pode-se perceber que o mundo desde épocas anteriores a Cristo estava



permeado pelo uso de substâncias (MENOCCI; TINELLI; HUCK, 2012).

A religião sempre esteve presente quando se trata de drogas, porém, esta presença produz efeitos, dentre eles um olhar criminalizante e pecador aos consumidores (CARNEIRO, 2019). Contudo, esta política de repressão ao uso de drogas não causa a diminuição do consumo e da demanda das mesmas, pois preocupa-se mais com a oferta e não com a população que a demanda, questionando-se o porquê há tamanha aquisição.

Com a lógica capitalista e produção do mercado, o ideal era produzir e gerar riquezas, dentro da época da revolução industrial é que estão sendo consumidas as drogas estimulantes para que haja uma resposta dos sujeitos da sociedade às demandas mercadológicas do discurso da época (CARNEIRO, 2019). Produzir é necessidade, produzir para gozar é a demanda central do mestre capitalista.

Do século XVII ao XX, período que é considerado um marco na revolução psicoativa, visto que é a partir destes que as drogas em geral dominam o mundo. Desta forma, é possível traçar uma ampla relação entre a história do consumo de drogas e o discurso predominante de determinada época. No discurso capitalista século XXI, as drogas estimulantes e lícitas são mais aceitas do que aquelas que impedem o sujeito de produzir (CARNEIRO, 2019). Pode-se compreender com isso, a estigmatização do uso de drogas nesse discurso, pois consome-se também, por outras questões, e não somente em prol da produção.

A estigmatização torna-se ainda mais comum na classe baixa, devido ao fato de que em épocas anteriores, o acesso às drogas era restrito às pessoas que possuíam poder aquisitivo favorável, o que tornou suscetível o tráfico (CARNEIRO, 2019).

Há uma diferença conceitual entre toxicomania e uso de drogas. A primeira distinção a ser feita é com relação a droga e ao tóxico, pois ambos não se apresentam enquanto sinônimos, visto que possuem efeitos diferentes para o sujeito psíquico. A droga pode ser considerada o produto em si que é produzido e consumido, enquanto o tóxico é a transformação desse produto tomando uma dimensão e função na vida psíquica do sujeito, conseqüentemente acarretando transformações no laço social (LE POULICHET, 1990).

As toxicomanias são muitas vezes confundidas como tipos de estruturas clínicas, por se tratarem de um modo específico da relação do sujeito com o objeto de consumo, ainda assim, Conte (2002) afirma que não se tratam de estruturas, e sim de montagens que permitem o encobrimento da estrutura psíquica do sujeito, uma aniquilação das marcas anteriores ao uso



abusivo de substância, podendo causar uma despersonalização.

Sendo assim, as toxicomanias não podem ser definidas por simplesmente uma falta de limites no sujeito, ainda que muitos estudos apontem para essa linha de pensamento (CONTE, 2001). Desta forma, o sujeito possui relação com o tóxico que permite modificar sua vida psíquica e as relações sociais, pois não se trata do uso esporádico, o tóxico toma uma dimensão de necessidade tanto física quanto psíquica.

Acrescenta-se ainda que as toxicomanias são formas que o sujeito encontra de responder o mal-estar constitutivo que é inerente ao convívio social. Ao realizar a renúncia pulsional, este sacrifício imposto pelo social leva à produção de mecanismos de defesa, um deles, pode ser a utilização de substâncias tóxicas. Trata-se de uma intoxicação que se torna ainda mais eficaz que outras formas de lidar com o mesmo, isso denomina-se uma medida paliativa no que se refere ao enfrentamento do mal-estar (FREUD, 1996 [1913-1914]).

As toxicomanias foram se desenvolvendo na sociedade, e devido a isso pode-se afirmar que estas são um sintoma social (MELMANN, 1992), portanto não dependem apenas de questões psíquicas, mas também do social e do meio em que se está inserido, sendo inscrita no discurso dominante social dado em determinada época.

O presente trabalho não visa contemplar as toxicomanias dentro de uma perspectiva puramente clínica, no entanto faz-se necessário a compreensão de algumas questões clínicas acerca do sintoma para que se possibilite a dimensão social das toxicomanias também relacionada com os dispositivos de tratamento.

Partindo desse pressuposto, pode-se distinguir dois tipos de toxicomanias quando se trata de quadro clínico, a de suplência e a de suplemento. A toxicomania de suplência é considerada a forma mais grave, pois, refere-se a um tempo anterior da constituição do sujeito psíquico, o tempo do narcisismo primário e está ligada à relação com o Outro primordial, no qual os órgãos e todo o sujeito está a serviço do gozo do Outro. Na toxicomania de suplência, o tóxico cumpre a função de fechar e estancar a hemorragia deixada pelo Outro no corpo do sujeito, essa hemorragia tem sua origem na relação com a função materna que se apresenta sem limites produzindo marcas que dizem de um excesso e que desse modo, faltam-lhe significantes que o possibilitem reconhecer-se enquanto sujeito, portanto cabe mencionar que este faz-se objeto parcial do gozo do Outro e não total (LE POULICHET, 1990).

Compreende-se que a toxicomania nesse caso venha intervir enquanto a criação e a



possibilidade de desejo e de reconhecimento de si enquanto sujeito, ainda que minimamente, pois o faz por meio do sintoma, um sintoma considerado destrutivo por seus efeitos físicos e no laço social. A toxicomania de suplência entra no lugar daquilo que lhe falta ao Outro, ou seja, vem para bordejar o sujeito, trazendo à tona a possibilidade de reconhecer-se enquanto tal, impossibilitada pelo Outro.

Há uma dificuldade de consolidar uma imagem de si, que faz com que o sujeito se exponha a um gozo sem limites (CONTE, 2001), portanto, essa montagem da toxicomania permite um movimento psíquico do sujeito em prol de sua subjetividade.

De acordo com Lacan (1976 apud RIBEIRO, 2009) é o que permite que o sujeito rompa o casamento com o gozo fálico, pois esse tipo de gozo escancara a castração, nessa lógica o sujeito é faltante e sempre será, e o objeto vem com o objetivo de completá-lo, toma uma dimensão de plenitude.

Formam-se próteses narcísicas que sustentam a própria imagem por meio do brilho fálico que esse sintoma proporciona, o suplemento tenta provar uma discordância entre aquilo que é da imagem real e a ideal, portanto pode-se dizer que esse tipo de adição vem suprir a falta, através do tóxico (LE POULICHET, 1990).

Pode-se recordar a história das drogas quando no século XVII a medicina se apodera dos tóxicos, acreditava-se que estas teriam o poder de cura e de adequação a certos comportamentos bem vistos. É desse modo, que o discurso da ciência auxilia para a promoção de um salto nas toxicomanias, pois inicia-se a automedicação com o objetivo de adequar-se aos preceitos impostos pelo social (LE POULICHET, 1990).

As toxicomanias em sua particularidade acabam por ser estigmatizadas pelo posicionamento do sujeito frente às demandas do social, especialmente relacionado a incapacidade de produção que parte do sujeito que apresenta esta sintomática, o que faz questão também, é a forma com que se desvela o sofrimento psíquico do sujeito que está imerso no social sendo reconhecido pelo seu sintoma e sua forma de gozo. Surge assim, “o toxicômano”, o qual Le Poulichet (1990) questiona, pois tal nomenclatura é decorrente do social que reconhece o sujeito por sua forma de gozar, taxando-o por seu sintoma.

O gozo nas toxicomanias se dá a partir da privação, ou seja, a partir da lógica de objeto perdido, é um gozo não fálico que é próprio dessa sintomática, isto é, o sujeito não quer se aproximar de um gozo que é absoluto no objeto, por isso é quando está em abstinência que o



sujeito goza (CONTE, 2001). Nessa perspectiva, a lógica do consumo está presente, pois, como visto anteriormente trata-se de algo que é cíclico, o sujeito está em falta e adquire o produto como forma de suprimento, elevando o objeto real a um outro nível, é por isso que pode-se perceber a proximidade da lógica capitalista no sintoma social das toxicomanias.

4 O PRODUTO DO DISCURSO CAPITALISTA E ARTICULAÇÕES SOBRE TRATAMENTO

Por que as toxicomanias seriam um produto do discurso capitalista? Considerando a articulação feita acerca do sintoma social das toxicomanias enquanto resultante do discurso capitalista, pode-se perceber não só efeitos do discurso capitalista nas toxicomanias, mas também, que esta é um produto desse discurso, portanto trata-se de um sintoma social inscrito no modo capitalista de produção e consumo (SHIMOGUIRI et al, 2019).

Lacan (1992, [1969-1970]) aborda em sua teoria as condições para que o laço social se dê de forma efetiva a possibilitar as relações sociais e a formação de vínculo, logo criam-se condições de manter-se a sociedade exigindo desse modo, a renúncia pulsional que permite o sujeito conviver no social por meio da linguagem.

A demanda das drogas, atualmente é de outra ordem (CARNEIRO, 2019), toma-se na dimensão de objeto de satisfação total, assim como os objetos produzidos pela indústria, no entanto, os tóxicos tomam uma proporção significativa maior, sendo que possuem um sentido significativo para cada sujeito, e o uso abusivo de tóxicos provém do discurso vigente e pode ser determinado por questões clínicas específicas de cada sujeito.

O sujeito é mensurado pelo mais-de-gozar, assemelha-se a um produto feito pela indústria, nada é suficiente (LACAN, 1992 [1969-1970]), o mesmo pode-se ver no sintoma das toxicomanias no que se refere a busca pelo tóxico, também se utilizando do exemplo do aumento da dosagem deste, como se não houvesse um limite nessa relação com o objeto.

Nesse sentido, afirma Kehl (2002) que o único universal que poderia trazer uma união para todos os sujeitos é o imperativo de gozo, pois concebe-se o sujeito na atualidade como ser não faltante, o que faz lançar a um gozo mortífero que muitas vezes busca a completude ilusória, desejar é viver, pouco deseja-se muito se goza.

O gozo no discurso capitalista é um gozo manipulado, pois administra-se a forma com que se consome, o que evidencia o controle do que se consome (DIAS, 2010), sendo assim, os toxicômanos excluídos por sua forma de gozar, pois, tratam-se de um gozo ilícito perante a lei



e possuem uma carga moral diferente de outros objetos reais, ainda que ambas foram de consumo excessivo são efeitos do discurso capitalista.

Ambas as formas de consumo se tratam de uma relação com objetos reais elevados a posição de objeto a, no lugar de mais-de-gozar, essa produção de objetos feita pela indústria produz efeitos no laço social (LACAN, 1992 [1969-1970]). Pode-se dizer que ainda que as toxicomanias sejam consideradas um sintoma desse discurso, é pela via do sintoma que se produz o laço social, portanto, os toxicômanos sim, fazem laço (SHIMOGUIRI et al, 2019).

Dentro dessa lógica, cabe ressaltar que há questões clínicas da toxicomania. Os aspectos apresentados não estão isentos do âmbito social, seja para driblar com a castração ou a exposição um gozo do Outro ilimitado, a uma invasão do Outro primordial ou a falta da instância paterna, seja de suplemento ou de suplência (LE POULICHET, 1990).

Para compreender os moldes de tratamento no contexto das toxicomanias, faz-se necessário entender o conceito de “dispositivo”, pois é a partir deste que se elaboram caminhos que possibilitam pensar o modo social de lidar com o sintoma. Entende-se que o tratamento atualmente está limitado a uma visão moralizada, e isso pode ser derivado dos dispositivos criados na sociedade e que se utilizam para “tratar”.

Uma rede que reúne e estabelece diversos elementos, no entanto, ressalta-se que Foucault não se utilizou da palavra dispositivo com esta conceituação, e sim positividade, isto se deve a que a definição ou as formas de explicação que se reúnem em torno dessa palavra são provenientes da religião cristã, ou seja, do saber positivado, dentro dessa lógica, a palavra se refere a obediência (AGAMBEN, 2005).

Conforme citação de Agamben há tipos de dispositivos, tais como as prisões, os manicômios, medidas jurídicas, disciplina, escolas e etc. Estes, podem ser caracterizados como dispositivos divinos, no entanto, há também os dispositivos profanos, os quais podem dar lugar a subjetividade humana, preocupando-se com os efeitos destes nos sujeitos (AGAMBEN, 2005). Dentro desses dispositivos pode-se encontrar os Centros de Atenção Psicossocial, Consultório de rua, entre outras políticas públicas de caráter humanizado.

Tais dispositivos produzem efeitos nos modos de subjetivação dos sujeitos pertencentes a uma sociedade e cultura, para além de também serem afetados pelo discurso vigente em determinado contexto social. No caso do capitalismo, pode-se perceber uma intensa proliferação de novos dispositivos bem como a produção de objetos, vale lembrar que para além



de produzi-los também se acumula-os, isso tem por efeito uma alta mudança nos processos de subjetivação, e produz-se a sensação de que esta, perdeu sua consistência, no entanto, não é disso que se trata (AGAMBEN, 2005).

Portanto, percebe-se que por meio do confinamento e da retirada do sujeito da sociedade, ocorre um processo de assujeitamento e alienação, pois retira o olhar de subjetividade a aquele sujeito (GOFFMAN, 2015), olhando-o a partir do objeto que este consome, reduzindo-o a este, desse modo, obtém-se um controle acerca dos toxicômanos fazendo-os consumir conforme o discurso social os exige.

Juntamente com a ideia de apartamento social está carregada a ideia de abstinência, entretanto, não sempre esta iniciativa parte do sujeito usuário, trazendo a ideia de que o melhor por ser feito é impor algo que se torna socialmente aceito, seguindo essa afirmativa pode-se relacionar a mesma com o que se definiu acerca do dispositivo.

Dentro da lógica capitalista, o consumo é influenciado, seja este relativo a qualquer produto, não há escolha nesse caso, o destino é consumir, no entanto, alguns destes objetos são aceitos e outros não, as escolhas não são tão livres quanto parecem (VARGAS, 2012). Há nesse sentido, mais um ponto para referir-se ao assujeitamento do toxicômano, o qual muitas vezes o impossibilita, inclusive de posicionar-se, pois, o discurso fomenta o consumo, mas o controla de forma restrita.

Nessa perspectiva, as drogas possíveis estão na mão também do mercado, ou seja, o discurso social faz com que o sujeito pare de fazer uso do tóxico, todavia a lógica de mercado, principalmente a da indústria farmacêutica está à disposição de lucrar com essa forma de tratamento, tendo uma alta produção de medicamentos contendo químicos, muitas vezes com efeitos colaterais maiores do que o tóxico utilizado, porém produz-se mais objetos, tem-se o domínio do mercado, diferente do mercado dos tóxicos (VARGAS, 2012).

Cria-se drogas para todo e qualquer tipo de funcionamento humano, mas escolhe-se as que entram na lógica do capital, é por isso que a forma de tratamento das toxicomanias que visa abstinência e isolamento podem ser vistas como respondentes à esta ordem de produção e consumo, entretanto, tratando-se de um objeto moralmente aceito pela sociedade.

No que se refere às toxicomanias, pode-se afirmar que o sintoma é um nó de significantes, ele carrega cadeias de gozo sentido e não de sentido (LACAN, 2003), e a forma de sair dessa lógica gozosa é por meio da escuta do sujeito do inconsciente, esta é dada por



meio da posição que o analista toma frente ao sujeito.

Segundo Le Poulichet (1990) o analista deve romper a posição do médico. Nesse sentido, é importante ressaltar que a suspensão do uso de tóxico não deve vir por parte do analista, ou algum outro tipo de sugestionamento. Essa sugestão pode ser vista como uma forma de lidar com a impotência que escutar o sujeito que se encontra no sintoma das toxicomanias pode causar (LE POULICHET, 1990), sendo assim há um poder nas palavras do sujeito, portanto não sendo necessário dar as respostas e sim deixar que este as construa colocando-se enquanto sujeito na relação transferencial (LACAN, 2003).

Apesar da abstinência ser vista como tratamento ideal para as toxicomanias, pode-se perceber que esta opera dentro da lógica do discurso capitalista. Utiliza-se uma visão moralizada perante o sujeito criando-se impasses para o tratamento e a escuta deste, é por isso que se compreende ser importante uma escuta imparcial.

Nesse sentido, produz-se reflexões acerca do posicionamento capitalista, afinal cria-se a ideia de uma liberdade de consumo, uma liberdade de ter e ser, no entanto percebe-se que o sujeito vê-se em uma sinuca de bico, consumir para ser, e mais, a partir disso, consome-se. Os objetos sem sentido são elevados à posição de objeto a, mas não cumprem essa função, sendo assim, eternamente insatisfeitos, resta-os gozar, mas que gozem de acordo com o que o mestre mandar, desejar é, literalmente para os que se admitem faltantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar a temática das toxicomanias não é uma tarefa fácil, visto que há estigmas nesse campo e que sujeitos que estão imersos em tal sintoma são mal vistos pela sociedade, como consumidores de algo destrutivo, que destrói a si e ao outro. O ser se dá pelo consumo, mas não qualquer consumo, o consumo que o social sugere.

Percebe-se que a lógica do consumo contemporânea se dá de uma forma diferente, pois a relação com o objeto real está em outra ordem, cria-se necessidades e com isso, a indústria fornece a produção de mais objetos, então, tem-se um fenômeno que é cíclico, o sujeito sempre retorna a consumir.

No entanto, tem-se a afirmativa de que essa completude é impossibilitada, pois o sujeito está em falta constantemente, e é isto que o possibilita desejar (FREUD, 1996, [1927-1931]). Apesar da lógica do consumo conceber o objeto como algo que possa tapar os buracos



existentes decorrentes do ser sujeito, esta ação se vê impossibilitada, contudo, é o que traz a dimensão de sujeito desejante e que permite que o laço social seja estabelecido.

Logo, no que se refere ao discurso capitalista, pode-se dizer que este não faz laço social, pois a relação está reduzida diretamente a um objeto real que não está inserido na cadeia de significantes (LACAN, 1992 [1969-1970]), além disso, um objeto vazio e concreto que não possibilita nada, além de consumi-lo e descartá-lo.

Compreende-se que o uso de drogas e as toxicomanias tampouco são sinônimos, apesar do uso de substâncias psicoativas se tratarem de uma prática milenar possuem diferenças conceituais marcadas que possibilitam a leitura de que o consumo do objeto droga não é estigmatizado do mesmo modo que a toxicomania, considerando-a como sintoma social.

Dentro dessa ótica, permite-se relacionar as toxicomanias com o discurso capitalista, tanto de suplência quanto suplemento, apesar de apresentarem aspectos clínicos subjetivos, estas, sofrem efeitos do discurso, no entanto, não se reduz somente aos efeitos, mas também pode reforçar a ideia de que as toxicomanias são um efeito capitalista.

Torna-se ambíguo pensar que além de ser um produto desse discurso, também surtem efeitos do mesmo nas toxicomanias, entretanto, pode-se perceber horizontes que levam a pesquisa por essa via de compreensão, pois a lógica de tratamento utilizada assemelha-se a características do discurso, no qual consome-se não somente o objeto, mas também o sujeito.

O combate às drogas tem deixado marcas, não apenas no Brasil, mas no mundo, essas marcas não estão no tóxico, nem tampouco na droga, as marcas dessa guerra estão nos sujeitos, o peso de uma população estigmatizada por um sintoma produzido por esse mesmo discurso que tem como um imperativo, um gozo sem limites.

É nesse mesmo molde que segue o tratamento das toxicomanias, tem-se em vista o crime, nesse caso, do uso abusivo de substâncias, entretanto, relembra-se com Freud que é por meio de um crime que surge o desejo, seria este crime a liberdade de escolha? A liberdade de desejar? O objetivo, nesse caso, não é de santificar o crime, mas de questionar o que é visto como crime pela sociedade contemporânea, que se utiliza de dispositivos de controle para moldar sujeitos que sofram e consumam de acordo com o estabelecido pelo mestre moderno.

Logo, pode-se afirmar que essa pesquisa resulta em horizontes favoráveis aos objetivos levantados, sendo possível obter um direcionamento no que se refere a problematização, portanto, pode-se pensar por meio dos autores utilizados uma via que possibilita ampla relação



das toxicomanias com o discurso capitalista, utiliza-se o termo de considerações finais, pois o intuito não é conclusivo e nem de fechamento, pelo contrário, percebe-se que a temática abordada tem um campo vasto de pesquisa, não limitando-se a esta, no entanto, os questionamentos levantados por meio desse estudo possibilitam articulações para pensar as toxicomanias como um produto do discurso capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? p. 9-16. **Rev. Outra Travessia**. Florianópolis: 2005. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CARNEIRO, Henrique. **Drogas: A história do proibicionismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

CONTE, Marta. A clínica institucional com toxicômanos: uma perspectiva psicanalítica. ano V, n.2, jun. p. 28-43. **Rev. Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**: São Paulo, 2002. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v5n2/1415-4714-rlpf-5-2-0028.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

DIAS, Brendali. Uma crítica a lógica do capital da sociedade de consumo contemporânea: A contribuição da Psicanálise Lacaniana na perspectiva de Slavoj Žižek. **Tese (Mestrado em Psicologia Social)** – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, p. 80. 2010.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. (1913-1914). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos**. (1901-1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. 2a reimpr. 9a ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



LACAN, Jacques. **O seminário – Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** (1954-1955). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

_____. **O seminário – Livro 17: O avesso da psicanálise.** (1969-1970). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

_____. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. **Do discurso psicanalítico.** Conferência de Lacan em Milão. Milão, 1972.

LE POULICHET, Sylvie. **Toxicomanías y psicoanálisis: Las narcosis del deseo.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar.** (1931). 1a ed. São Paulo: Escuta, 1992.

_____. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MENOCCI, Fernando; TINELLI, Silvana; HUCK, Luciano. **Quebrando o Tabu.** 2012. (1h20m08s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tKxk61ycAvs&t=3s&has_verified=1>. Acesso em: 23 out. 2020.

QUINET, Antonio. **Os Outros em Lacan.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.

RIBEIRO, Cynara Teixeira. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica.** Vol. 12, N. 2, p. 333-346. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/agora/v12n2/v12n2a12.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SHIMOGUIRI, Ana Flávia Dias Tanaka et al. Discutindo a clínica e o tratamento da toxicomania: dos discursos à constituição subjetiva. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 30, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642019000100207&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2020.

TEIXEIRA, Vanessa Leite; COUTO, Luís Flávio Silva. A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. v.15, n.3, p.583-591, Jul-Set. Maringá: **Psicologia em Estudo**, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a16>>. Acesso em: 12 set. 2020.

VARGAS, Beatriz. **Eliminação versus redução.** p. 39-42. In: Conselho Federal de Psicologia. Drogas e Cidadania: em debate. 76 p. / Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2012.